

“O Anti-Édipo não é Anti-Psicanálise”

Luis Eduardo Aragon

[Este texto é o roteiro de apresentação da palestra intitulada “O Anti-Édipo não é Anti-Psicanálise”. Este título foi proposto, por telefone, no momento do convite, pelos acadêmicos da Faculdade de Psicologia da Unimep, responsáveis pela organização da XXV Semana da psicologia na Unimep (“Cem anos da teoria da sexualidade e suas ramificações”).

Bem, o tema que me foi proposto para desenvolver aqui é: “Anti-Édipo não é Anti-Psicanálise”. Talvez algumas pessoas não conheçam “O Anti-Édipo”, que é um livro, publicado em 1972 na França, escrito por um filósofo chamado Gilles Deleuze e por um médico psiquiatra e psicanalista, o Felix Guattari.

Eu gostaria de começar esta conversa com vocês falando um pouco do meu próprio encontro com este livro.

Fazia pouco tempo, eu havia terminado a formação em psicanálise. Numa determinada noite de fim-de-semana, me descobri inquieto, meio angustiado, com vontade de fazer algo, mas sem saber o que. Vocês já devem ter passado por algo assim!

Bom, me ocorreu de ir a uma livraria – em São Paulo temos algumas facilidades como livraria aberta à noite. Eu adoro livros e, como não havia uma necessidade específica, fui dar uma olhada numa livraria

muito bacana, que tem um pouco de tudo, literatura, poesia, filosofia, sociologia, psicanálise.

Sim, havia um desejo! Desejo sem um objeto que me parecesse determinado. Havia também certa tensão e angústia. Isso tudo se transformou numa procura meio solta. Daí veio a idéia de comprar um livro. Interessante esse percurso. Porque a idéia de que um livro poderia resolver de alguma forma aquela sensação? Porque a minha mãe contava histórias pra eu dormir? Meu pai era visto por mim como intelectual rodeado de livros? Possuir muitos volumes me dá uma sensação de segurança? Devorar e acumular conteúdos me dão uma certeza de completude? Era importante reviver a fruição prazerosa da leitura? ...

A lista de possibilidades é enorme, mas o que importa aqui é que este título “Anti-Édipo” parece que saltou da prateleira. Não dá nem pra dizer que eu o achei, nós nos achamos.

Este título é no mínimo intrigante, ainda mais para um psicanalista formado há pouco tempo. É uma expressão meio provocadora, belicosa e até mesmo revolucionária. O subtítulo tem duas palavras, a primeira: capitalismo. E aí fica mais intrigante, pois Édipo e capitalismo parecem não ter nenhuma relação. Ao mesmo tempo lança um enigma sedutor. Como os autores fazem esta ligação? Será que amplia a problemática mais propriamente psicanalítica? Será que os autores encontravam alguma resposta/saída para o sofrimento que é

viver neste sistema tão duro de hoje? Ou ao menos teriam uma explicação porque é tão difícil ter mais movimento no consultório?

O segundo nome do subtítulo é esquizofrenia (“Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia”). Mais uma palavra instigante. Ela procura traduzir o que ela mesma provoca para o entendimento, que é um escapar por todos os lados. Esquizofrenia impõe uma dificuldade constante e aguda aos clínicos e teóricos. É um tema pouco trabalhado por Freud e não dá nem pra imaginar o que teria a ver com capitalismo. Nessa altura do campeonato, talvez eu estivesse pensando mais no ganho secundário que seria: “quem sabe lendo o capítulo sobre esquizofrenia do livro – eu poderia me entender um pouco mais”.

O fato é que, com todos estes fatores em jogo, eu estava irresistivelmente seduzido pelo livro e quanto mais eu percorria os títulos dos capítulos, mais ficava capturado, tanto que o comprei, mesmo sendo caro (pois era uma edição importada de Portugal), e daí em diante não conseguia parar de ler.

Se estiverem esboçando – ou se já tiverem concluído – uma análise do palestrante, eu pediria que não o fizessem. Primeiro porque, qualquer explicação da subjetividade, por mais elaborada que seja, sempre envolve uma complexidade irreduzível¹. Em segundo lugar, seria muito indelicado.

¹ Referência à afirmação de Guattari: “Partimos da idéia de que não se devia considerar o desejo como uma superestrutura subjetiva mais ou menos no eclipse.” (Guattari apud Deleuze, 2002, p. 303).

Fazendo essa ressalva, posso dizer que eu lia sem parar e não entendia nada. O que é mais incrível é que isso não impedia de achar tudo interessante. Sublinhava um monte de frases, fazia bolinhas em algumas palavras, anotava pensamentos ao lado. O surpreendente é que eu não me sentia burro ou ignorante, ao contrário, me sentia vitalizado de alguma forma.

Encerrando esta “crônica da vida privada”, pois vocês podem estar se perguntando: “o quê que esse cara vem ficar falar dele na semana de psicologia?”.

Se vocês estão pensando isso, sou obrigado a concordar. Realmente não é o caso de falar de mim aqui. Mas também não é de todo descabido.

Trata-se de uma estratégia. Criar entre nós um percurso, um caminhar mesmo, para além ou aquém das capturas teóricas, e produzir uma “atmosfera clínica”, onde possamos nos interessar por uma história real, do cotidiano, com todos os seus impasses, aberturas e atravessamentos. Afinal, na psicologia, nos interessamos mesmo por histórias de vida.

Gostaria que retivessem, não a analítica dos complexos do palestrante (como já havia pedido), mas dois pontos específicos desse percurso que trilhamos juntos. O primeiro é a “pulsão desejante”, que sempre envolve alguma angústia, certo desconforto, e estava em jogo na “procura” daquela noite. Importa especificar que falo de um desejo que

não se restringe a um circuito que tenha um objeto específico (ainda mais se for caricato, como “comprar um livro pra comer a mãe”), não. Falo aqui de um desejo sem finalidade determinada e sem estar vinculado a uma falta qualquer. Trata-se propriamente de uma pulsação, um excesso, um transbordamento. O que não quer dizer que seja qualquer coisa. É uma pulsação que capta e tende a exprimir um sem número de marcas, afetos e impressões que vão se apresentando a partir dos encontros no percorrer do caminho, não respeitando a clássica separação entre natureza e cultura. Esta já é uma leitura de Deleuze e Guattari da questão do desejo.

O segundo ponto a destacar, é a sustentação da ignorância ou do “não saber”, caracterizada em “nossa história” pelo movimento de procura e pela não alienação da sensação de angústia. Encarnar esta posição, através da qual surge a possibilidade de abertura para o novo em cada momento, em cada encontro, não é fácil. O nosso pensamento, por automatismo ou proteção, já entope o que está se desenrolando com interpretações antigas e clichês². Talvez fosse mais fácil percorrer os livros de teorias já familiares, me reassegurando do que eu já sei, em alguma medida, mas aí não se estabeleceria verdadeiramente um encontro, como o que penso ter ocorrido com o meu encontro com o Anti-Édipo e também com a obra freudiana. No registro da necessidade de

² Deleuze, pensando a obra do pintor Francis Bacon reflete que “seria um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície branca e virgem. A superfície é já totalmente investida virtualmente por toda sorte de clichês, com os quais é necessário romper.” (Deleuze, 1996, p. 14)

saber e do rápido abafamento da angústia, implicada no desejo – que pode permear qualquer esforço de produção conceitual ou clínica - a ignorância pode ser acompanhada de tristeza, medo ou culpa (“eu deveria saber”, “não vão me respeitar”, “não estou à altura”). Esta dinâmica faz com que a pessoa se paralise, patinando no lugar da falta, do defeito, da anormalidade; ainda podendo surgir uma atitude despótica e defensiva que tolhe toda descoberta/criação de mundos, dando lugar a uma arrogância de querer parecer que sabe tudo. Todos nós, certamente, já nos sentimos pressionados a “parecermos inteligentes” ou tivemos que agüentar alguém que “sabe tudo”. As duas situações são terríveis! Acompanhando este movimento, a percepção da singularidade dos encontros fica ameaçada.

Por outro lado, no território do não saber como abertura para o desconhecido, aquelas emoções não se apresentam, dando lugar a certa curiosidade, um tesão por descobrir novas dimensões da realidade e também alguma angústia, a qual é natural e até boa. Desta forma, caminhamos contra o pensamento hegemônico contemporâneo, que busca alienar a tristeza, a angústia e o sofrimento, a qualquer custo, ou, o que é pior, sem pensar no custo, o que no mais das vezes o torna bem alto. Mas este é outro assunto...

Este não saber ou ignorância que estamos valorando, não pressupõe uma ausência de conhecimentos acumulados, mas uma

disposição para não entupir o que se apresenta de imagens, significações e modelos já dados³.

Podemos dizer que fazendo esta diferença, estamos pensando acerca de “políticas do desejo”.

Quis destacar estes dois pontos: pulsação do desejo e valoração do não saber, por acreditar que é no território desta política que, Deleuze e Guattari se aproximam de Freud.

Esta afirmação comporta justificativa. Quando se lê Deleuze e Guattari – não só o *Anti-Édipo*, mas também o “*Mil platôs*”, o “*Kafka por uma literatura menor*” ou “*O que é a filosofia*” – é freqüente a sensação de um arejamento de pensamento vivo, criativo. Pensamento que tenta estar à altura do acontecimento, que é o tempo em que vivem, através do tensionamento do limite do que já está dado. Percebe-se um esforço para ir além das certezas e tocar naquilo que os angustia. É uma produção exploratória, que deixa para o leitor vários caminhos de abertura, para que ele possa fazer sua própria viagem e captar – quem sabe – aquilo que escapa aos próprios autores. Neste sentido, a escrita deixa de ser dogmática ou doutrinadora, fechada. Eles parecem fazer da escrita e do livro uma expressão contagiante daquela “política do desejo” que estamos delimitando. Mas não se enganem, ela não deixa de ser cruel. Cruel, no

³ Reforçando a postura ética que destacamos na nota anterior, destacamos outro pensamento de Deleuze: “Talvez a fala, a comunicação, estejam apodrecidas. Estão inteiramente penetradas pelo dinheiro: não por acidente, mas por natureza. É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle.” (Deleuze, 1992, p. 217).

sentido de atacar estruturas antigas de pensamento e aportar novos conceitos e idéias, fazendo o antigo vergar, ruir, mudar, para dar voz ao que está pedindo passagem. É uma produção que, por percorrer os limites, dialoga com o futuro. Lembrem que o livro “Interpretação dos sonhos” de Freud (ES, vol. IV-V) que, como ele imaginava, iria “perturbar o sono da humanidade”, só vendeu 351 exemplares nos seis primeiros anos (Gay, 1989, p.21). Quanto ao Anti-Édipo, logo após seu lançamento, Deleuze confia que, para Guattari, os leitores do livro têm, na época, 7 a 15 anos de idade (Deleuze, 2002, p. 307). Esta idéia de Guattari lança outra perspectiva sobre a procura e o encontro daquela minha noite. Já havia a expectativa de que pessoas, como eu, procurariam por este livro. Pessoas que fossem fruto de um atravessamento de fluxos⁴ sociais e históricos singulares e atuais, como o são para mim: a exposição à uma cardiologia muito tecnológica, que implica toda uma concepção contemporânea e organicista de corpo; a uma psicanálise já andada, vivendo novos impasses, como a problemática não propriamente neurótica; a uma política econômica muito diferente de há poucos anos.

Vejam que, abordando a questão desta maneira, estou promovendo um espalhamento da questão do desejo para o social, o cultural, o

⁴ “Fluxo é qualquer coisa, em uma sociedade, que corre de um pólo a outro, e que passa por uma pessoa, unicamente na medida onde as pessoas são interceptadores.” (Deleuze, 1971, p. 5). Ou ainda: “O processo, é aquilo que chamamos o fluxo. Ora, ainda aí, o fluxo, é uma noção de que precisávamos como noção qualquer não qualificada. Isso pode ser um fluxo de palavras, de idéias, de merda, de dinheiro, pode ser um mecanismo financeiro ou uma máquina esquizofrênica: isso supera todas as dualidades.” (Deleuze, 2002, p. 305).

tecnológico. Isso conduz - se seguirmos sem medo - a uma interrogação das teorias que fixam o humano, a sexualidade ou a subjetividade em uma teoria universalizável ou uma essência. Para promover esta abertura, para além do território seguro e conhecido é necessária, como venho desenvolvendo, uma postura política e ética, nada fácil de sustentar, de abertura para o desconhecido.

Ora, eu acredito que o movimento de fundação da psicanálise é justamente este escutar, dos rumores, do burburinho ou das convulsões do final do século dezenove, dando voz às forças até então ignoradas e sufocadas. É o próprio entrelaçamento, aqui também, do desejo com o não saber. A criação de uma perspectiva de valoração dos afetos e de uma prática para expor o ser ao campo de afetação, bem como o desenvolvimento de uma estética, na figura da produção do inconsciente.

Vamos desenvolver um pouco esta idéia.

O jovem Freud promoveu um deslocamento muito importante e corajoso no pensamento de seu tempo. Ele era o próprio palco do atravessamento de forças como: o desejo iluminista e positivista de esclarecer por completo o funcionamento mental e suas doenças (amparado no poder da razão, de inspiração cartesiana); e a influência do romantismo alemão (de Goethe, Schiller, Novalis e Schlegel), o qual procura romper com a hegemonia da razão do sujeito cartesiano como fonte de conhecimento, e convoca a potencia dos sentimentos e da poesia

como aproximação da verdade (Sturm und Drang ou “tempestade e impulso”, era o grito de guerra dos jovens artistas alemães) ⁵.

Freud, sendo neurologista, pesquisador, tradutor de obras científicas, conhecia e fazia uso de tudo o que a medicina lhe oferecia à época, como a hipnose, os banhos, os estímulos elétricos e massagens. Pensava com as categorias de normal e patológico, e buscava explicação racional para as doenças psico-neurológicas, em especial a histeria.

Ao mesmo tempo, se interessava por literatura, mitologia, arqueologia, filosofia. Era marcadamente influenciado pelo pensamento estético que se contrapunha à discursividade científica, se debruçando sobre os sonhos, a arte e os sentimentos.

Assim, ele pôde aproximar-se das paralisias histéricas com um olhar crítico que outros não atingiram. Percebeu o que para nós, hoje, pode parecer óbvio, ou seja, que as paralisias não acompanhavam o trajeto dos nervos, sendo, ao contrário, a expressão no corpo de uma problemática psíquica (podemos ressaltar que esta distinção corpo/psiquismo, é apenas parcialmente apropriada, sendo, também esta, uma distinção paradoxal na obra de Freud); a conversão de energia psíquica em somática e não uma degeneração ou fraqueza dos nervos.

Vamos ressaltar que Freud inaugurou no pensamento ocidental uma forma de “pensar com o corpo”, afetivamente, dando expressão

⁵ Sobre esta perspectiva vide Neri, 2005, p. 19 – 57.

conceitual às tensões, às quais ele mesmo estava exposto⁶. E, não por coincidência, iniciou seu percurso pensando justamente o corpo das históricas. O qual se desdobra no pensar sobre os sonhos, desejos, pulsões, sexualidade, inconsciente. Além de produzir teoria a partir desta perspectiva afetivo/corporal, ele forjou uma prática de *iniciação* ao pensar desta forma, com o corpo, inventando o que Rolnik chamou de psicanalista cartógrafo⁷ (Rolnik, 2006, p. 73).

Nós sabemos também, que naquela época as mulheres estavam sendo convocadas como mão de obra barata para as indústrias, e as que tinham melhores condições financeiras – a quase totalidade dos pacientes de Freud – recebiam educação de grande qualidade, nos melhores colégios, mas depois não podiam participar nem mesmo das “conversas dos homens”. Tinham que ficar alienadas da política, da economia e mesmo da vida cultural, e se submeter a uma política de fluxo do desejo, na qual passavam da dependência, financeira e afetiva, do pai para a do marido. Desta forma tinham poucas condições de expressão do desejo, fora do circuito filha-esposa-mãe (para as mais pobres, além deste circuito, havia a necessidade de trabalhar, que naquele tempo, não era propriamente um caminho de circulação do desejo).

⁶ Esta concepção implica em “considerar o texto freudiano não como uma teoria universal do sujeito e sim como uma cartografia dos processos de subjetivação na passagem do século XIX ao XX.” (Neri, 2005, p. 103).

⁷ “Iniciação porque um pensamento que emerge do movimento invisível dos afetos, e que tem por função dar língua a esses mesmos afetos, não pode ser transmitido, a não ser através do exercício do próprio pensar assim concebido.” (Rolnik, 2006, p.73)

Lembro que é comum ouvirmos, principalmente as mulheres mais idosas, dizerem que não concordam com a maneira como as pessoas vivem hoje, dizendo: “as mulheres não ficam nem cinco anos casadas, quanto mais cinqüenta, como eu!”. Mas se começamos a problematizar, – e vocês podem fazer a experiência – perguntando como era a situação da mulher que não se dava bem no casamento, com marido agressivo, alcoólatra ou simplesmente que ela percebesse não gostar, a coisa muda de figura. O casamento virava uma prisão e a morte do companheiro trazia mais alívio que tristeza. Daí a mesma senhora passa a valorizar – em alguma medida – as apresentações conjugais contemporâneas. Notem que não dá pra conceber as relações familiares como um modelo imutável através do tempo, assim como a produção e a expressão do desejo.

É interessante percebermos como o que estamos chamando de política do desejo vai se transformando com o tempo, mas não de maneira homogênea. Assim, vários “diagramas de poder” – para usar uma expressão de Foucault – convivem numa mesma sociedade. Podemos observar na nossa, por exemplo, a manutenção da expressão histórica nos cultos evangélicos, estando praticamente ausente no território médico e psicológico (pelo menos em sua forma “charcotiana”).

Estou esboçando, muito superficialmente, estes cenários históricos e sociais, para que possamos nos aproximar de uma perspectiva de concepção do desejo, como produto do atravessamento de fluxos

conceituais, familiares, artísticos, políticos, econômicos, datados e metamorfoseantes, não sendo reduzidos nunca a uma essência ou estrutura do humano ou da subjetividade. Isto implica em uma concepção do inconsciente como aberto a fatores os mais diversos, e não apenas a marcas envolvendo a sexualidade infantil ou as perambulações por romances familiares, bem como não se restringindo à individualidade⁸.

Assim percorremos o caminho de fazer uma leitura dos inícios da psicanálise com o instrumento conceitual do Anti-Édipo, que seria o desejo tido como máquina, mais ou menos como vem sendo desenvolvendo até aqui.

No que chamei de movimento de fundação da psicanálise, e que poderíamos resumir na palavra *escuta*, estes aspectos (desejo e ética do não saber) podem ser identificados, por exemplo, na percepção da sexualidade infantil; na dedicação, curiosidade e atenção de Freud em seus encontros com os pacientes; na disposição para modificações do método, à medida que isto se fazia necessário, como foi o caso da teoria das pulsões⁹.

Freud, médico, escritor, “produtor de mitologias” [lembramos a expressão que usou para sua teoria “metapsicologia da feiticeira”, por

⁸ Nesta perspectiva Guattari afirma: “nós [com Deleuze] optamos por um inconsciente superposto de múltiplos estratos de subjetivação, estratos heterogêneos de extensão e de consistências maiores ou menores. Então, inconsciente mais “esquizo”, liberado das grades familiares, tendendo mais às práxis atuais que às fixações e às regressões sobre o passado. Inconsciente de fluxo e de máquinas abstratas, mais que inconsciente de estrutura e de linguagem.” (Guattari, SD, p. 7).

⁹ Ver comentário do editor ao “Os instintos e suas vicissitudes” (Freud, ES, vol. XIV).

referência a “Fausto” de Goethe em “Análise terminável e interminável” (Freud, ES, vol. XXIII)] e teorias, sentava-se ao lado de suas pacientes e, não só as ouvia, como prestava atenção ao que elas tinham a dizer. Não podia haver nada mais revolucionário no campo da ciência médica ou psicológica! E parece que esta atitude é, ainda hoje, muito revolucionária.

Vou trazer alguns exemplos que podem reforçar esta perspectiva de considerar Freud como um “cientista-poeta”, quer dizer, que estava totalmente implicado no que fazia, de corpo e alma, por assim dizer.

Destaco assim - sendo eu atravessado pela medicina, pela psicanálise e pela filosofia da diferença – o que considero mais precioso na prática clínica hoje, que é a “re-instauração” do “espírito” envolvido no início da psicanálise.

Início do tratamento de Emmy von N., paciente de Freud:

“Em 1º de maio de 1889, comecei o tratamento de uma senhora de cerca de quarenta anos, cujos sintomas e personalidade me interessaram de tal forma que lhe dediquei grande parte de meu tempo e decidi fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para recuperá-la.” (Freud, ES, vol. II)

“Essa senhora, quando a vi pela primeira vez, estava deitada num sofá com a cabeça repousando numa almofada de couro. Parecia ainda jovem e as feições eram delicadas e marcantes. O rosto tinha uma expressão tensa e penosa, as pálpebras estavam cerradas e os olhos, baixos; a testa apresentava profundas rugas e as dobras nasolabiais eram acentuadas.

Falava em voz baixa, como se tivesse dificuldade, e a fala ficava de tempos em tempos sujeita a interrupções espásticas, a ponto de ela gaguejar. (Freud, op. cit.).

“Na noite de 2 de maio visitei-a na casa de saúde. Notei que se assustava muito sempre que a porta se abria de modo inesperado. Assim, providenciei para que, ao visitá-la, as enfermeiras e os médicos internos batessem com força na porta e só entrassem depois de ela dizer que podiam fazê-lo. Mesmo assim, ela ainda fazia trejeitos faciais e dava um pulo toda vez que alguém entrava.” (FREUD, op. cit.)

Os textos freudianos são belíssimos, se nos deixamos afetar por eles. São a invenção de uma língua, num entrelaçamento de observação médica, reflexão científica e literatura. É patente, que ele tentava dar voz a algo que não cabia no já dado de seu tempo.

Percebemos também o forte envolvimento de Freud com as pacientes e suas problemáticas, buscando se adaptar às necessidades delas. Mais que isso, ele aproveitava das sugestões delas para formular e aperfeiçoar sua técnica. Isto revela que a escrita poética é paralela a uma processualidade vivida corporal e afetivamente, por ele mesmo.

Podemos citar a utilização da expressão, criada por Anna O.:
“talking cure”.

“Ela descrevia de modo apropriado esse método, falando a sério, como uma “*talking cure*, ao mesmo tempo em que se referia a ele, em tom

de brincadeira, como “*chimney-sweeping*”. A paciente sabia que, depois que houvesse dado expressão a suas alucinações, perderia toda a sua obstinação.” (Freud, ES, vol. XXII).

Outra situação emblemática foi o abandono do método hipnótico em favor da associação livre (o que permitiu um descolamento de Breuer) reforçado pela atitude de Emmy von N., irritada com a insistência de seu médico em que ela se concentrasse na lembrança traumática, lhe diz em tom zangado: “deixe-me falar o que vem à cabeça” (Freud, ES, vol. XXII).

Não nos esqueçamos do trabalho de auto-análise que ele fez!
Digam-me qual cientista teria esta obstinação e desenvoltura!

Com estes exemplos, pretendo delimitar que o jovem Freud estava imbuído de um forte desejo (naquele sentido, maquínico, enquanto interceptador e produtor de fluxos), e que este se exprimia através da heterogeneidade de forças complexas em jogo naquele momento. O que resultou numa construção teórica inovadora, que envolvia o sujeito iluminista da razão e a sua superação, com o deslocamento da atenção para o inconsciente. Este último apreendido da escuta interessada naquilo que era a própria alteridade, o estranho, para o pensamento científico hegemônico, que eram os sonhos, os chistes, os atos falhos, a sexualidade, os desejos.

Esta leitura que estou propondo, me parece clara inclusive nas próprias palavras de Freud, quando em carta a Lou Andreas-Salomé de 25/5/1916, escreve: “Sei que ao escrever tenho de cegar-me

artificialmente a fim de focalizar a luz sobre um ponto escuro, renunciando à coesão, à harmonia, à retórica e a tudo o que a senhora chama de simbólico, temendo como temo a experiência de que qualquer pretensão ou esperança neste sentido implique o perigo de distorcer a matéria sob investigação, ainda que pudesse embelezá-la...”. E mais adiante, na mesma carta: “meus olhos, adaptados como estão à escuridão, provavelmente não suportam a luz forte ou um campo amplo de visão” (Freud, 1975, pp. 65-6). Lou estava tentando ser “freudiana”, submetendo sua experiência a modelos já psicanalíticos.

Lendo o Anti-Édipo pude experimentar algo desta sensação de uma alegria descobridora e criativa, bem como de uma postura de ignorância produtiva. Parece que algo desta sensação vai emergindo do contato com o livro, não só pela teoria, mas também pelo ritmo, a escolha das palavras, o atravessamento de campos (psicologia, psiquiatria, psicanálise, sociologia, economia política, literatura, etologia, filosofia). Este texto foi escrito após Maio de 68, um período de grande turbulência política, afetiva, econômica. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, que reduziram a violência, a libido e a frustração daquele movimento a chaves já disponíveis – basicamente o marxismo e o freudismo, separando o social do sexual – Deleuze e Guattari, talvez agora pudéssemos dizer, como Freud, escutaram os fluxos do momento, inventaram um pensamento e o colocaram em movimento através do

livro¹⁰. Livro que só cumpre verdadeiramente o seu propósito, se produzir um movimento paralelo ao qual foi o resultado¹¹.

Viram-se também obrigados a criar uma língua, fazendo nascer as máquinas desejanças, o corpo sem órgãos e a esquizoanálise, entre outros conceitos. Foram “mais freudianos que Freud”, se pensarmos que reivindicaram um estatuto mais molecular para pulsão¹², a qual estaria “para além do princípio do prazer”¹³, sempre em contato com um “exterior” (Deleuze, 2002, p. 319) sendo produção afirmativa, por excesso, não remetida à falta. O que leva a uma concepção mais energética do que representacional do psiquismo, e desemboca na elaboração do inconsciente como fábrica ou usina de fluxos e cortes de fluxos.

Tendo tratado do que penso aproximar Deleuze e Guattari de Freud, e até – meio abusivamente – feito uma leitura da instauração da psicanálise pelo “olhar esquizoanalítico”, retomo o título da palestra.

¹⁰ Acompanhamos aqui a leitura de Lyotard (1976, p. 83 - 134) e de Foucault conforme abordado por Carlos Augusto Peixoto Júnior (2005, p. 57-9).

¹¹ Creio que esta idéia está implícita nas palavras de Deleuze: “sonhávamos este livro como um livro-fluxo.” (Deleuze, 2002, p. 305).

¹² Orlandi, desenvolve a idéia de que, com a concepção produtivista do desejo, Deleuze e Guattari operam uma transposição do conceito de pulsão para o de máquina desejança (1995, p. 178). Desta forma nos foi possível falar aqui em pulsão.

¹³ A referência ao texto freudiano é, certamente, devida ao conceito de Pulsão de Morte. Podemos pensar o trabalho dos autores do Anti-Édipo como uma radicalização da teorização freudiana acompanhando o pensamento de Lyotard: “se a pulsão de morte é aquilo através da qual, as máquinas só funcionam desarranjadas, e através da qual o seu regime não se pode manter harmoniosamente, se ela é o que perturba a produção desejança, quer por o corpo sem órgão atrair e monopolizar esta produção, quer por a repelir e a recalcar, se tem por modelo um regime maquínico desregulado, um desregime, se se apresenta na experiência correspondente à inarticulação, à perda de qualquer *articulus*, à superfície sem variação de intensidade, à catatonia, ao “ah! não ter nascido!”, então ela não só é admissível, mas é também componente necessária ao desejo. Não *uma outra* pulsão, uma outra energia, mas, na economia libidinal, um “princípio” inacessível de desmesura, de excesso, de desregulamento; não uma segunda maquinaria, mas uma máquina cujo índice de regime tem capacidade de se deslocar para o infinito positivo e de a fazer embalar e explodir, ou para o zero e a fazer deter.” (1976, p. 130)

Devo dizer que me foi outorgada uma tarefa capciosa: dar conta do título desta apresentação, o qual me foi sugerido: “o Anti-Édipo não é anti-psicanálise”.

Penso que poderíamos, ao menos, colocar um pontinho de interrogação no final desta expressão e mudar para “o Anti-Édipo não é anti-psicanálise?”. Assim transformaríamos a afirmação em questão, ampliando nosso campo de investigação. Talvez, desta maneira, estivéssemos sendo mais fieis ao método freudiano de “cegar-se artificialmente” e mais próximos do que ele chamou de processo primário, onde uma representação pode ser a afirmação e o seu oposto ao mesmo tempo; fiéis também ao que Deleuze e Guattari poderiam chamar de campo problemático, ou seja, um campo de atravessamento de fluxos, que não se esgota, apesar de resolver-se parcialmente, em uma resposta ou afirmação.

Digo isso porque Deleuze e Guattari vão fazer duas críticas (que em alguns momentos chamam de acusações) bem específicas e contundentes à psicanálise. São elas: 1) crítica à aposição do complexo de Édipo a toda produção desejante (ou seja, de um modelo universalizável), sexual, mesmo em suas versões mais sofisticadas que transpõem a triangularidade para funções simbólicas e produções imaginárias Para eles o inconsciente é mais uma usina e não um teatro; 2) Pensam o delírio como sendo já, a princípio, investimento histórico-

social, com múltiplas determinações, irreduzíveis ao circuito dos romances familiares e ao indivíduo (Deleuze, 2002, p.306).

O paradigma de circulação do desejo será deslocado por eles de um modelo neurótico-repressivo ou paranóico-projetivo para um mais próximo do funcionamento esquizo. Com isso eles procuram se aproximar de uma perspectiva de entendimento da forma de ação do capitalismo contemporâneo, o qual já não se permite reconhecer pela luta de classes e pelo valor do trabalho, como teorizados por Marx. O esquizo, como o capitalismo, rompe com os códigos e com os territórios estabelecidos em prol de uma conectividade ou equivalência absoluta, agindo sobre a própria vida (Deleuze & Guattari, 1972, p. 37-9) ¹⁴. No próprio momento da compra de um livro, Cd ou vestido, já está em jogo a ação do capitalismo, através de uma política de manipulação do desejo pela propaganda¹⁵. Não há mais sentido, para eles, tratar o social de forma independente do libidinal, a economia separada da vida. Por esta perspectiva, eles procuram se aproximar das problemáticas clínicas e sociais novas e que maltratam as teorias antigas.

Bem, o “Anti-Édipo” certamente não é anti-Freud, nem anti-clínica, apesar de indicar uma postura clínica particular, produto do momento histórico mundial que vivemos. Eles não ignoram também a existência do

¹⁴ Importa realçar que não há uma identidade completa do capitalismo contemporâneo com a esquizofrenia, sendo esta última também o limite e a morte do primeiro (Deleuze & Guattari, 1972, p. 255-7).

¹⁵ Sobre esta questão ver Lazzarato (2004, p. 229-37).

complexo de Édipo, mas o pensam com letra minúscula, colocando, por assim dizer, o próprio complexo e a própria psicanálise em análise.

Então, seguindo uma fórmula proposta pelos autores¹⁶, poderíamos encerrar esta fala mudando o título da palestra e o colocando assim:

“O Anti-Édipo não é Anti-Psicanálise e o Anti-Édipo é Anti-Psicanálise.”

Sustentamos desta maneira o paradoxo e a abertura, para que os presentes se sintam estimulados a se expor à experiência de contato com o “Anti-Édipo” e com a psicanálise, para que vocês mesmos possam criar suas soluções (parciais, obviamente).

Referências Bibliográficas

Deleuze. G. (1971). *Anti Oedipe et Mille Plateaux*:

Cours Vincennes - 16/11/1971. Disponível no site:

<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=115&groupe=Anti>

Oedipe et Mille Plateaux&langue=1

_____ (1992). *Conversações, 1972 – 1990*. Trad. Peter Pál Pelbart.

Ed. 34: Rio de Janeiro.

¹⁶ “As máquinas desejanter são máquinas binárias, de regra binária ou regime associativo; uma máquina está sempre ligada a outra. A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: “e”, “e depois”...”. (Deleuze & Guattari, 1972, p. 11).

_____ (1996). Francis Bacon: logique de la sensation. Éditions de la Différence: Torino.

_____ (2002). *L'Île Déserte et autres textes: textes et entretiens 1953 – 1974*. Org. David Lapoujade. Les Éditions de Minuit: Paris, France.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1972). *O Anti- Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Assírio & Alvim: Lisboa, Portugal.

Freud, S. (1975). Carta de 25/5/1916. In: *Freud – Lou Andréas-Salomé: correspondência completa*. Trad. Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1980). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottmann. Companhia das Letras : São Paulo.

Guattari, F. (SD). Des Subjectivités, pour le meilleur et le pire. Disponível no site <http://www.revue-chimeres.org/pdf/08chi02.pdf>

Lazzarato, M. (2004). Creer des mondes: capitalismo contemporain et guerres “esthétiques”. *Multitudes*. N. 15, Hiver, pp. 229-237.

Lyotard, J.-F. (1976). Capitalismo energúmeno. In: *Capitalismo e Esquizofrenia: dossier Anti-Édipo*. Org. Manuel M. Carrilho. Assírio & Alvim: Lisboa, Portugal.

Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.

- _____ (2005). A clínica como política de resistência da vida. In: Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia. N. 21-22, julho-dezembro. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Orlandi, L. B. L. (1995). Pulsão e campo problemático. In: *As pulsões*. Org. Arthur Hyppólito de Moura. Escuta: São Paulo.
- Peixoto Jr., C. A. (2005). Sobre o corpo social como espaço de resistência e reinvenção subjetiva. In: Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia. N. 21-22, julho-dezembro. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Sulina: Porto Alegre.